

NOTAS SOBRE SOFRIMENTO, DOR, RESPEITO, COMPAIXÃO E MEDO, NA ANÁLISE DE DISCURSOS PELA ADE

Ubirajara Moreira Fernandes (*Especialista em literatura brasileira aposentado e ambientalista*)

Abstract: The objective of this short essay is to present the concepts of suffering, pain, respect, compassion and fear, emphasizing the fact that fear precedes all the other feelings. It is shown that there are real and imaginary fear, that there are natural, mental and social suffering. There are also degrees of suffering at all these levels. In view of all this, it seems clear that these concepts should be incorporated in the list of concepts/categories of EDA.

Key-words: Suffering/pain; respect/compassion; fear; EDA.

Resumo: O objetivo deste breve ensaio é discutir os conceitos de sofrimento, dor, respeito, compaixão e medo, salientando que este último antecede os demais. O artigo ressalta que existe medo real ou imaginário bem como sofrimento nos níveis natural, mental e social. Ele mostra outrossim que há graus de sofrimento em todos os níveis. Diante de tudo isso, parece ficar claro que esses conceitos devem se incluídos nas categorias de análise da ADE.

Palavras-chave: Sofrimento/dor; respeito/compaixão; medo; ADE.

1. Introdução

Toda a literatura sobre a Análise do Discurso Ecológico (ADE) tem mostrado que seu objetivo é analisar, interpretar e criticar textos-discursos da perspectiva da vida na face da terra, enfatizando a sua defesa, defesa que inclui uma luta contra o sofrimento evitável. Sofrimento tem sido associado a dor. Os dois são defesas que os seres vivos têm contra a mutilação dos próprios corpos. No entanto, não tem sido feita nenhuma diferenciação entre eles. Por esse motivo, o objetivo deste pequeno ensaio é não só tentar fazer essa diferenciação, mas também associar os dois a compaixão, respeito e medo.

Veremos que todos esses conceitos têm a ver com a vida, no sentido mais amplo do termo, vida de todos os seres, e não apenas dos seres humanos. Nisso a ADE segue os princípios da Ecologia Profunda (NAESS, 1973, 1989, 2002), que se insere na visão ecológica de mundo (VEM). Para os seguidores da Ecologia Profunda (EP) em especial, e da VEM em geral, a vida de todos os seres na face da terra é mais importante do que ideologias políticas, religiosas e outras, pois, elas levam

as pessoas a ver as próprias ideias, crenças e convicções contra a “deles” ou a de “vocês”. Se eu sou de esquerda e você é de direita, somos inimigos, logo, sua vida não é tão importante como a dos que estão do meu lado. Por esse motivo, a VEM procura evitar essa polarização, não negando que ela existe, mas tentando mostrar que ater-se a apenas uma dessas ideologias e considerá-la a única “correta” não é a melhor maneira de se abordarem as questões. Pior ainda, se a pessoa se ativer ao lado negativo do polo, que em geral é negacionista, criacionista e conspiracionista (segue as teorias da conspiração). Contrariamente a tudo isso, o praticante da VEM e da EP se posta na posição que permite uma visão englobante (holística) da realidade, vendo os dois polos como as duas pontas do diâmetro de uma circunferência, como se pode ver em Silva (2020, e *neste volume*).

2. Sofrimento e dor

Como se pode ver nas obras de Arne Naess mencionadas acima, a Ecologia Profunda reconhece que todo ser vivo está sempre à procura da própria autorrealização, do próprio bem-estar, da própria felicidade. Por isso, os sofrimentos evitáveis, aqueles causados por maldade de alguém, por acidente ou qualquer outra causa desnecessária e/ou evitável devem ser evitados. Sobretudo Naess (2002) defende a tese de que a emoção não deve ser vista como separada da razão. O que é mais, do ponto de vista da vida, a emoção talvez seja mais relevante do que a razão. No entanto, há a dor e o sofrimento que fazem parte da vida, mecanismos para o organismo manter a própria vida. Na literatura sobre ADE se tem falado sobre esses dois sentimentos de maneira geral, não se tem feito distinção entre os dois. É chegado o momento de fazer uma precisão (NAESS 1989, p. 42-43), para usar um conceito da EP, ato de tornar precisos os conceitos, ou seja, aproximar o foco e vê-los microscopicamente, como estabelecido no método da focalização de Garner (2004, p. 202-204).

Começamos pelas conceituações de sofrimento dadas pelo dicionário *Aurélio*. A primeira é tautológica, pois simplesmente remete ao ato de sofrer. Em seguida ele diz que sofrimento pode ser “dor física”. No entanto, o sofrimento é muito mais amplo do que isso. Tanto que ele acrescenta outras definições. Uma delas é “angústia, aflição, amargura”, vale dizer, o sofrimento pode ser também de cunho psíquico (mental). Isso é válido até mesmo quando ele acrescenta acepções como “paciência” e “resignação”. Enfim, o sofrimento pode ser físico (natural), psicológico (mental) ou social. O dicionário não apresentou nenhuma acepção de cunho social, mas, como veremos mais abaixo, desde seu surgimento como “Linguística Ecosistêmica Crítica” em Couto (2013), a Análise do Discurso Ecosistêmica tem mostrado que o sofrimento pode ocorrer nas três dimensões: natural (físico), mental e social. Neste último caso, talvez fosse melhor falar em “sofrimento psicossocial”, pois, mesmo tendo causas sociais, o efeito é na psique de um indivíduo. A dor é definida pelo mesmo dicionário como uma “impressão desagradável ou penosa proveniente de lesão, contusão ou estado anômalo do organismo ou uma parte dele”, acrescentando que é também “sofrimento físico”. Para a ADE, a manifestação prototípica da dor é a dor física, que pode ser causada por ferimentos, torção de algum membro, contusão, luxação e tortura física, entre outros. Como se vê, a dor é eminentemente de cunho natural, físico, fisiológico, biológico. Quando se fala em “dor na consciência”, trata-se de uma metáfora, de uma extensão no uso do termo. Metaforicamente, pode-se dizer que a pessoa pode sentir dor mental, psíquica e, talvez, até social, mas essas duas últimas não são manifestações prototípicas da dor.

O sofrimento é mais amplo do que a dor, pode incluí-la. Vimos que ele pode ser físico (natural), confundindo-se com a dor, mas pode ser também mental e até social. O sofrimento mental pode ser causado por assédio moral no trabalho, por tortura psicológica etc. O sofrimento social pode ser um labéu injusto impingido em alguém; pode ocorrer também quando alguém é difamado,

caluniado, desmoralizado perante a comunidade a que pertence. A morte representa a dor e o sofrimento máximos.

É importante ressaltar que há graus de sofrimento. A agulhada de uma injeção é uma dor física, mas é menos séria do que uma tortura psicológica ou desmoralização social perante o grupo a que a pessoa pertence. Um xingamento momentâneo (mental) é menos nocivo à saúde mental da pessoa do que difamação, calúnia, desmoralização. Para muitos grupos étnicos tradicionais, o sacrifício de uma criança que nasce com algum defeito é menos grave do que o não cumprir a tradição de sacrificá-la. O sacrifício causa sofrimento físico na criança, mas sua ausência provoca sofrimento no grupo como um todo (sofrimento social). É uma questão ética bastante séria para a ADE, que fica sempre do lado da vida: a morte é irreversível, mas costumes tradicionais podem mudar ao longo do tempo.

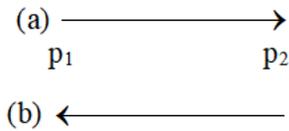
Sufrimento e dor fazem parte da vida, vista de uma perspectiva biológica que, acredito, é também a do senso comum. Não há necessidade de nenhuma elucubração filosófica para se saber o que significa “apesar da violência do choque entre os veículos, os dois motoristas saíram com vida” ou “o cachorro atropelado na rua está vivo”. Quando alguém diz isso, deixa implícito o outro lado da questão, a morte. As pessoas e o cachorro estão vivos porque não morreram, numa situação em que isso poderia ter acontecido. Vida e morte não são questões simbólicas, mas vitais. Na tradição elas são vistas como antagônicas, mutuamente exclusivas, é uma ou outra. A ADE adota a visão do Taoísmo, de acordo com o qual vida e morte são como os dois extremos do diâmetro de uma circunferência, logo, partes dele, articulam-se ao longo do mesmo eixo. Um extremo não existe sem o outro, como acontece com todos os conceitos polares, fenômeno discutido pormenorizadamente em Silva (2020, e *este volume*). Podem ser vistas também como fases de um ciclo: para que haja morte tem que haver vida; para que haja vida tem que haver morte. A morte de um ser vivo dá lugar à vida de outro ou outros.

Apesar de todo ser vivo estar sempre à procura da autorrealização, de seu bem-estar (NAESS, 1973, 1989), a vida apresenta as inconveniências da dor, do sofrimento, do medo, da ansiedade, da angústia, da fobia, do pavor e do pânico, entre outros. Contrariamente ao que seria de se esperar, tudo isso faz parte da vida. Juntamente com os conceitos de respeito e compaixão discutidos na seção seguinte, entre outros, o sofrimento e a dor são necessários como mecanismos de preservação da própria vida.

3. Respeito e compaixão

Vejamos como o dicionário define respeito: “1. Ato ou efeito de respeitar(-se). 2. Reverência, veneração. 3. Obediência, deferência, submissão, acatamento”. Os termos “reverência”, “deferência” e “acatamento” deixam implícito que respeito tem a ver com o áter (o outro), não própria e necessariamente com o ego. No sentido de “reverência” e “veneração”, o respeito é muito observado nas tradições orientais, como no Taoísmo. Até nas lutas marciais há esse respeito ao parceiro de luta; para com o mestre às vezes há até mesmo veneração. O discípulo obedece ao mestre cegamente, acatando seus ensinamentos. Pode acontecer de haver até uma certa submissão. Compaixão, diz ainda o dicionário, é uma espécie de “pesar que em nós desperta a infelicidade, a dor, o mal de outrem; piedade, pena, dó, condolência”. Etimologicamente ‘compaixão’ significa algo como “ato de sofrer com”, com-paixão (*passio*, paixão). Se o sofrimento e a dor se dão no ego (*self*) e ficam nele, a compaixão é um sentimento direcionado ao áter, ao outro. Vejamos como se pode mostrar graficamente as relações representadas por respeito e compaixão:

ECO-REBEL



No caso, p₁ e p₂ são duas pessoas da comunidade. A dor e o sofrimento se dão ou só em p₁ ou só em p₂. Respeito e compaixão, por seu turno, se dão de p₁ para com p₂ ou vice-versa, como mostram as setas (a) e (b). Vimos que o respeito existe porque sem ele seria impossível a convivência em uma sociedade. Quanto à compaixão, p₁ geralmente a sente para com p₂, ou vice-versa, quando percebe que ele está em uma situação que lhe causa dor ou quando vê que ele está sofrendo não só dor física (natural), mas também quando está sofrendo forte pressão psicológica (dimensão mental) ou até sendo desmoralizado socialmente. Em suma, compaixão é sentir o sofrimento do outro, é com-sentir (sentir com ele), com-paixão (sofrer com ele).

Normalmente, respeito e compaixão não vão só na direção de p₁ para p₂, ou vice-versa, unidirecionalmente. Eles podem ser também recíprocos, bidirecionais, e frequentemente o são. Se for bidirecional, temos o que em Linguística Ecosistêmica se chama de comunhão. Com isso, podemos fornecer uma definição alternativa de comunhão ainda não vista na literatura: ela pode ser respeito recíproco.

Respeito e compaixão são sentimentos e impulsos que justificam porque a Ecologia Profunda¹ é de caráter prescritivo. Prescrição no sentido de recomendação de ações que evitem o sofrimento (e a dor) evitável ou que tentem amenizá-los, adotando-se uma atitude de respeito e compaixão pelo álder. Além disso respeito vai mais longe. Ele se baseia no princípio de que “meu direito termina onde começa o seu”, como no dito popular. Logo, respeito é um conceito eminentemente social, mais típico de seres humanos, embora não esteja excluído de antemão que ele possa se manifestar também entre alguns animais ditos “superiores”, como alguns mamíferos. Quanto a compaixão, é de caráter psicossocial, pois consiste em ego sentir o que acha que álder sente. É com-sentir com ele sua dor.

É o respeito que permite a existência das comunidades. É pelo fato de um respeitar o espaço do outro, os seus direitos, que existem as comunidades, as sociedades. Certa feita Umberto Eco deu uma formulação incisiva sobre esse princípio. Diante da pergunta “o que é convenção social?”, ele respondeu: “não devem me impedir de cagar, mas se eu venho cagar em sua casa, não está certo. Então, fazemos um acordo, eu não cago em sua casa, você não caga em minha casa e nenhum de nós caga no meio da rua”². Aí temos um exemplo pungente de respeito ao espaço e ao direito do outro, de socialidade e civilidade, enfim, das bases para a existência da sociedade. A compaixão já se dá mais no nível individual, ou melhor, no nível interindividual.

4. Medo³

Até o presente momento, as discussões sobre Análise do Discurso Ecosistêmica têm incluído a questão do sofrimento e da dor. Na seção anterior, vimos que os conceitos de respeito e compaixão também precisam ser incluídos na discussão. Pois bem, na presente seção vou tentar mostrar que uma quinta categoria precisa ser incluída, a do medo. Na verdade, o medo precede todas elas.

Existe uma longa discussão sobre o medo, inclusive na Psicanálise, em que começou com o próprio Freud (FREUD, 1926). Para se ter uma ideia da complexidade da questão, em Klein; Herzog (2017) e Pauluk; Ballão (2019) se pode ver que há dificuldade até mesmo sobre como traduzir termos alemães utilizados por Freud. Por esses e outros motivos, eu prefiro partir da definição do *Aurélio*: “Sentimento de grande inquietação ante a noção de um perigo real ou imaginário, de uma

ECO-REBEL

ameaça”. É algo de caráter psíquico, mental, que se dá no indivíduo. Por ser um sentimento individual, de caráter psicofísico ou psicossocial, o medo pode se manifestar diante de um perigo real ou de algo imaginário, como o próprio dicionário já adianta. Por ser de natureza intimamente pessoal, alguém pode ter medo até de algo que para outras pessoas seria inofensivo, anódino, como a barata, passar por baixo de escada, o número 13 etc.

Como mostra a literatura sobre o assunto, e como acabamos de ver, é necessário distinguir pelo menos dois tipos de medo. Primeiro, temos o medo diante de um perigo real, que pode causar dor, sofrimento físico e/ou a morte. Em alemão, esse medo é chamado de *Furcht*. Segundo, temos o medo de algo imaginário, chamado de *Angst* em alemão. Às vezes esse segundo tipo de medo é recebe o nome de fobia. Por sinal, a palavra alemã recua ao radical indo-europeu relacionado com *angústia*, como na palavra latina *angustus* (estreito, apertado). Talvez a tradução mais adequada para *Angst*, medo de algo imaginário, seja *fobia*. Em casos mais leves, pode-se ter *temor*, mas, em situações reais ou aparentemente mais perigosas, pode-se sentir *pavor*, *pânico*, *terror* etc.

Como o medo é subjetivo, existe no ego. Em princípio existem tantos tipos de medo quantas forem as situações, reais ou imaginárias, que cada indivíduo considere ameaçadoras. Existe medo de morrer, que é algo real e inevitável, mais cedo ou mais tarde todos morreremos. Medo de cobras, de precipícios, de alturas (acrofobia), de lugares fechados (claustrofobia) e medo de andar de avião também têm um certo fundamento real. No entanto, medo do demônio (capeta), de fantasmas e assombrações, de ambientes públicos (agorafobia) e assemelhados estão mais para o lado da *Angst* alemã.

O medo existe na psique, é de natureza mental. Porém, como o mental está entre o natural e o social, ele parte sempre do mental e se dirige ora para o natural, ora para o social. O primeiro caso equivale ao que o dicionário chamou de perigo real (*Furcht*). Por exemplo, se estou na rua e vejo um veículo vindo a mais de 100km por hora em minha direção, meu medo real de morrer – talvez até instinto – me faz correr para um lugar em que imagino que o carro não me atingirá. No entanto, se estou numa floresta sozinho e tiver medo de fantasma, tratar-se-á de um medo imaginário, por só existir em minha imaginação (*Angst*).

Por ser sentimento de inquietação ante a perspectiva de um perigo (real ou imaginário), o medo existe para que o ser que o sente evite situações que possam representar perigo para sua vida. Vale dizer, ele provoca atitudes que levem a evitar situações que provoquem sofrimento e dor, aí inclusa a morte, que seria o extremo dessas situações. O mesmo medo contribui para que o ser vivo, sobretudo os humanos, evite que isso aconteça no outro também, logo, ele implica respeito e compaixão.

Medo e sofrimento/dor são sentimentos que existem no ego – no sentido de *self* – e se voltam para ele, ao passo que o respeito e a compaixão são sentimentos transitivos, referem-se ao álder, ao outro, ou melhor, é algo que vai de ego para álder. Na seção anterior, vimos que respeito e compaixão são relacionais por existirem em ego em função de álder. Dor e sofrimento, ao contrário, são pontuais: podem existir ou só em ego ou só em álder, embora possa existir nos dois ao mesmo tempo, situação que precisa ser investigada.

O coronavírus nos fez – e ainda faz – sentir muito medo, medo real, *Furcht*. O primeiro deles é o de sermos infectados. Com as informações de que somos bombardeados pela mídia, a infecção tem grandes chances de trazer sofrimento, dor, mas, pode também nos levar a óbito, como a imprensa prefere dizer (em vez de morte). Mas, temos também medo de perder entes queridos, parentes e amigos. Podemos ter medo de infectar os outros; tanto que usamos máscaras. Muita gente tem medo de perder o emprego, de ficar sem dinheiro. Os mais pobres têm medo de não terem o que comprar para comer. Há outros medos, como o dos administradores do país, que

temem pelo que virá na economia no período pós-pandemia: a perspectiva é de uma profunda recessão.

5. Discussão

Sufrimento e dor não são apanágio dos humanos. Praticamente todo ser vivo que tenha algum tipo de vida mental (WESTERGOFF et al., 2014), sentem-nos. Muitos são capazes de evitar situações que os provoquem. Isso está provado pela Etologia (TINBERGEN, 1963; SEBEOK, 1979) e pela Sociobiologia (WILSON, 1980). Até na Ecologia Profunda (NAESS, 1973, 1989) e na Ecologia Social (BOOKCHIN, 1993), há bases para se entender a questão. Essas ciências nos mostram que para sobreviver os organismos precisam adaptar-se ao meio, sendo que alguns deles pelo menos tentam adaptar o meio a si, como é o caso dos humanos e daqueles animais que constroem abrigos como, por exemplo, o joão-de-barro, que constrói uma casa perfeita para a proteção de seus filhotes. De acordo com o sociobiólogo Edward Wilson, “o comportamento social, como qualquer forma de resposta biológica, é um conjunto de estratégias para registrar mudanças no meio ambiente”, enfim, “o comportamento social é uma forma de adaptação” (WILSON, 1980, p. 74). Antes, o autor já havia dito que “modificação no meio ambiente físico é a adaptação maior” (p. 30).

Na relação com o seu meio ambiente, os seres vivos precisam reconhecer o que lhes é favorável, indiferente ou perigoso. Como todos eles estão sempre à procura da própria autorrealização, provavelmente a primeira sensação que têm é a de medo do que pode pôr em risco a própria integridade, do que pode provocar dor, sofrimento.

O respeito e a compaixão são prototipicamente de cunho social, pois envolvem o outro. Linguístico-ecossistemicamente, é uma interação organismo-organismo, ou interação pessoa-pessoa. No entanto, ele pode se estender para as relações organismo-mundo, pessoa-entorno ou meio ambiente. É o sentimento que leva o indivíduo a ter consciência de que não deve depredar o meio ambiente, seu e/ou dos outros. Só ocorre nos seres que têm uma vida mental intensa, como os humanos, que os leva a respeitar o direito e o espaço do outro. Infelizmente, porém, desde o início da construção de artefatos os humanos são os maiores predadores e devastadores de que se tem notícia.

6. Observações finais

Como são sentimentos e/ou sensações que têm a ver com a vida, sobretudo a biológica, mas também a psíquica e a social, sofrimento e dor, respeito e compaixão, por um lado, e medo, por outro, merecem ser incluídos nas categorias de análise da Análise do Discurso Ecológico. No caso específico do medo, não é para menos que ele seja tão generalizado, todo mundo o sinta. Quem disser que não tem medo de nada está mentindo, pois, do contrário, não estaria vivo. Tanto que a sabedoria popular, o vulgo afirma que quem tem cu tem medo. Como todo mundo o tem, todo mundo tem medo, em maior ou menor grau, medo real ou imaginário, ou ambos, o que é mais comum.

Não há pessoas exclusivamente boas nem pessoas exclusivamente más (SILVA; FERNANDES, *este volume*). No entanto, há pessoas propensas, por natureza, para o lado “bom” ou para o lado “mau”. Por isso a ADE segue o Taoísmo, em que se olha para o todo, não apenas para um dos lados, como discutido em Silva (2020, e *este volume*)

É por isso que a ADE, seguindo a EP, o Taoísmo e Gandhi não defende a mulher que sofre nas mãos de um marido violento apenas por ser mulher, mas porque ela é um ser vivo que sofre. Sua causa é vista em um contexto muito maior, holisticamente. Gostaria de terminar citando Arne Naess. De acordo com ele, “não mate” é mais abrangente do que “não mate sua mãe”. A primeira

asserção inclui a segunda. No entanto, de um ponto de vista ético, parece que a segunda é mais importante (*apud* SILVA; FERNANDES, *este volume*).

Existem outros muitos outros sentimentos, alguns deles entrecruzando-se com os vistos acima. Seria interessante uma pesquisa mais abrangente sobre todos os tipos de sentimento que os humanos podem sentir ou, pelo menos, sobre os de uma outra espécie de ser vivo, o que talvez fosse mais executável.

Notas

1. Sobre a Ecologia Profunda, ver o capítulo com esse título em Couto (2012).
2. *Folha de São Paulo*, 14/05/1995: <https://biblioteca.folha.com.br/1/02/1995051401.html>
3. No *site* Psicanálise Clínica são dados alguns exemplos de medo, ou seja, medo de: *falar em público, ficar sozinho, morrer, altura, voar, sangue, escuro, lugar fechado, ficar doente, tempestade, animais, injeção*. Essa lista certamente está incompleta. Ver <https://www.psicanaliseclinica.com/tipos-de-medo/>

Referências

- BOOKCHIN, Murray. What is Social Ecology? In: ZIMMERMANN, M. E. (org.). *Philosophy: From Animal Rights to Radical Ecology*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1993
- CAPRA, Fritjof. Laudato si – a ética ecológica e o pensamento sistêmico do Papa Francisco. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 6, n. 2, 2020, p. 5-17. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/32662/26617>
- COUTO, Hildo Honório do. *O tao da linguagem: um caminho suave para a redação*. Campinas: Pontes, 2012.
- _____. Análise do discurso ecológica (ADE), 2013. Disponível em: <https://meioambienteelinguagem.blogspot.com/2013/04/analise-do-discurso-ecologica.html>
- FREUD, Sigmund. *Hemmung, Symptom und Angst*. Leipzig/Viena/Zurique: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1926.
- GARNER, Mark. *Language: An ecological view*. Berna: Peter Lang, 2004.
- KLEIN, Thais; HERZOG, Regina. Inibição, sintoma e medo? Algumas notas sobre a *Angst* na psicanálise. *Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental*, v. 20, n. 4, 2017, p. 686-704. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142017000400686
- NAESS, Arne. The shallow and the deep, long-range ecology movements. *Inquiry* 16, 1973, p. 95-100.
- _____. *Ecology, Community and lifestyle*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- _____. 2002. *Life's philosophy: reason and feeling in a deeper world*. Athens: The University of Georgia Press.
- PAULUK, Luiz R.; BALLÃO, Cléa M. Considerações sobre o medo na história e na psicanálise. *Fractal: revista de psicologia* v. 31, n. 2, 2019, p. 60-66. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922019000200060
- SEBEEK, Thomas A. Semiotics and Ethology. *The sign and its masters*. Austin: The University of Texas Press, 1979, p. 27-60.
- TINBERGEN, N. On aims and methods of ethology. *Zeitschrift für Tierpsychologie* v. 20, 1963, p. 410-433.
- WESERHOFF, Hans V. et al. Molecular networks and intelligence in microorganisms. *Frontiers in microbiology* v. 5, 2014, p. 1-17 (são nove autores).

ECO-REBEL

WILSON, Edward O. *Sociobiology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

Aceito em 15 de janeiro de 2021.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 7, N. 1, 2021.